

Povo se junta na porta do palácio para ver convidados

Chico Caruso contou piadas e política esteve fora do menu

Elisabeth Orsini

• Um vento sudoeste soprou tão forte na manhã de ontem, em frente ao Palácio Rio Negro, que rasgou a bandeira da república hasteada para indicar que Fernando Henrique Cardoso estava hospedado ali. Foi um corre-corre. Um segurança mais jeitoso resolveu o problema com alguns nós. O incidente não tirou o brilho da festa que aconteceu no palácio onde, na véspera, sob a luz de um enorme arco-íris, fora servido um sofisticado jantar assinado pelo chef Claude Troisgros. Do lado de fora, na Avenida Koeler, o povo se acotovelava para ver as estrelas convidadas como a atriz Maitê Proença e o cineasta Cacá Diegues.

A primeira a chegar foi a socióloga Celina Vargas do Amaral Peixoto. Simples e chique com brinco dourado, meia branca leitosa e flores para presentear a primeira dama. A seguir chegaram o antropólogo Gilberto Velho, a cineasta Ana Carolina belíssima com camiseta de oncinha, o cineasta Arnaldo Jabor visivelmente incomodado com os holofotes da imprensa e o cartunista Chico Caruso acenando para o público. Aliás, foi Chico quem divertiu o presidente no jantar que terminou à 1h50m.

— Ele contou muitas piadas engraçadas, o presidente adorou — lembrou Maitê Proença que estava linda num terninho de Panamá branco, camiseta preta e jóias de prata da Birmânia.

A atriz elogiou o clima descontraído do jantar:

— O presidente e dona Ruth não procuram se impor com um clima solene, ao contrário de outros presidentes, que não vem ao caso citar, que têm uma postura arrogante, que você não se sente à vontade nem de se sentar.

Atriz diz que suflê de maracujá é melhor do que beijo na boca

Fernando Henrique Cardoso recebeu sem blazer com uma camisa bege. Dona Ruth usava um longo de lingerie da mesma cor puxando para um tom esverdeado. Não se falou em política:

— Os últimos acontecimentos da política foram bastante reveladores do que vem por aí — observou Maitê.

— Foi um jantar de amigos, não se falou nada de importante e o presidente estava muito feliz — contou Cacá Diegues, que se sen-

tou à mesa de dona Ruth. — O presidente é muito eclético, com cada convidado conversava um assunto específico.

Diegues conta que Fernando Henrique falou sobre cinema nacional, mostrou entusiasmo com o sucesso do filme "Pequeno dicionário amoroso", de Sandra Werneck — ele disse que ainda não viu, mas já está com a fita —, comentou a estréia de "Tieta" na Europa e disse que já viu o filme "O que é isso, companheiro?".

O jantar foi servido em quatro mesas. Na do presidente ficaram Maria Aparecida Delamare (do lado direito); Celina Vargas do Amaral Peixoto (à esquerda); Maitê Proença (em frente); o ministro interino das Relações Exteriores, Sebastião do Rêgo Barros; Cristina Gouvêa Vieira; o ministro da Cultura, Francisco Weffort; Rosário Amaral; Chico Caruso e Arnaldo Jabor. Todos ficaram deliciados com o jantar oferecido pelo chef Troisgros: sopa de tomate apimentado com queijo de cabra derretido de Petrópolis, crepe verde e amarelo (prato que mistura mousse de agrião recheada com queijo gorgonzola envolvido em massa fina crocante com molho de açafrão), salmão cozido com lentilhas minúsculas que cozinham em menos de dez segundos e que só nascem numa região da França. Mas foi o suflê de maracujá que pôs a perder os mais espartanos em matéria de dieta:

— Parecia uma nuvem, era melhor do que beijo na boca — garantiu Maitê Proença.

Tanto que o presidente convidou Troisgros à sala de jantar. O chef foi recebido com palmas e depois posou para fotos com Fernando Henrique. Numa das salas do palácio, uma caixa de charutos esperava convidados como o embaixador Sérgio Amaral que não dispensou umas largas baforadas. Rosário Amaral, sua mulher, contou que abandonou a carreira de diplomata por causa do marido que conheceu em Washington. E Celina Vargas do Amaral Peixoto mostrou ao presidente o livro "Os heróis", edição de 1910, que estava na biblioteca de seu avô que ela está tentando recuperar.

O cartunista Chico Caruso contou para o presidente várias piadas, uma delas do cartunista argentino Crist. O presidente não economizou risadas. Depois, Fernando Henrique Cardoso mos-

trou os quadros do palácio para Caruso:

— Notei que o sistema de distribuição dos quadros era ascendente. De baixo para cima estavam os presidentes mais recentes: Getúlio, Dutra... Juscelino era o último, estava no alto da escada. Então eu perguntei a ele, referindo-me a um novo mandato presidencial: "Presidente, será que tem espaço aí para colocar mais dois quadros?" E Fernando Henrique brincou: "Mas só dois?"

De repente, um menino saiu do palácio, desceu as escadas de mármore, foi até o jardim e ficou acenando para o céu. Um dos seguranças disse que era filho de um casal de amigos do presidente. Enquanto isso, do lado de fora do Rio Negro, um carro parou e deixou uma correspondência para o presidente:

— Vamos passá-la no detector de metais, é claro — garantiu um segurança.

Menina pobre pede bolsa de estudo para o presidente

Foi nesse mesmo portão que, na véspera, a avó de Priscila Custódia, uma menina loirinha de 11 anos e olhos claros, entregou ao presidente uma carta com o selo do gato Garfield que a neta tinha escrito na véspera:

— Pedi a ele uma bolsa para o Colégio Aplicação de Petrópolis — contou Priscila, que é filha de uma empregada doméstica.

Uma moça aprovava o presidente: "Ele não é de agradar às massas, mas é simpático." A produtora de cinema Glaucia Camargo (leia-se "Policarpo Quaresma") comemorava. Ela acaba de comprar os direitos para a adaptação do poema "Caso do vestido", de Carlos Drummond de Andrade, que será dirigido por Paulo Thiago:

— Estou embarcando para Nova York para fazer a edição final de "Policarpo Quaresma" que estréia no segundo semestre.

Também esteve na cidade Ana Maria Tornaghi, que comemorava o fato de Ivo Pitanguy ter aceitado ser jurado do baile do Copa, cujo tema é Josephine Baker. Petrópolis estava uma festa. Tanto que de sábado para domingo muitos bairros ficaram horas sem luz. Os visitantes que estavam hospedados nos andares mais altos dos hotéis ficaram presos horas. Isso sem falar nas centenas de telefones que pifaram. ■